

## **Apontamentos sobre as redes sociais digitais na perspectiva dos ecossistemas comunicacionais<sup>1</sup>**

Gabriel de Souza OLIVEIRA<sup>2</sup>

Mirna Feitoza PEREIRA<sup>3</sup>

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

### **RESUMO**

Em tempos em que a *Internet* se torna cada vez mais presente na vida em sociedade, seja através de plataformas sociais digitais ou aplicativos, a comunicação por meio das redes digitais suscita novos estudos para a compreensão dos fenômenos culturais que emergem desse ambiente. No cenário de expansão das redes sociais digitais, destacamos algumas considerações sobre os ecossistemas comunicacionais, apresentando-os como uma perspectiva relacional que pode auxiliar no estudo dos processos comunicacionais instaurados na *web*.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação; ecossistemas comunicacionais; redes sociais.

### **Introdução**

Relações líquidas, vínculos frágeis, tempos pós-modernos: as sociedades globais contemporâneas do século XXI são caracterizadas pela expansão da comunicação via *Internet* e, conseqüentemente, pela ideia de uma sociedade em rede em que se conectar se torna mais fácil, à medida que os meios para isso estão na palma da mão, nos dispositivos móveis e nos aplicativos, criando uma relação de quase simbiose entre homem e *smartphone*. Não é uma facilidade generalizada ainda, claro: nem mesmo os cabos de fibra óptica ainda foram capazes de democratizar a *Internet* de maneira que ela chegue a todos, e ainda há exclusão e desigualdade no acesso e no domínio do uso das redes. Para quem esse acesso chega, porém, se conectar nunca foi tão fácil: basta um toque na tela do dispositivo.

Nesse contexto, reflexões sobre os “males” das relações digitais são frequentes, partindo tanto de visões que são, por vezes, otimistas e quase utópicas, como no trabalho

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 5 – Comunicação Multimídia, do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 24 a 26 de maio de 2017.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). E-mail: [gaabriel.oliveira92@gmail.com](mailto:gaabriel.oliveira92@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). E-mail: [mirmafeitoza@gmail.com](mailto:mirmafeitoza@gmail.com).

de Lévy (1999), a perspectivas quase fatalistas da fragilidade das relações, como na obra de Bauman (2001). Porém, por mais críticas que se faça à fluidez e liquidez das interações traçadas no ambiente digital, é difícil negar que vivemos em tempos em que as redes sociais estão cada vez mais fortes, à medida que ultrapassam as ações desenvolvidas no “virtual” e se potencializam no ambiente social e físico.

Assim, estar dentro de um ônibus, usando fones de ouvido e tendo a atenção voltada à tela de um celular, por exemplo, não significa necessariamente um isolamento do mundo, e sim outro tipo de interação com o ambiente ao redor – seja esse entorno físico ou simulado. Nesse cenário, redes sociais digitais como o *Facebook*, o *Instagram* e o *Twitter* ou aplicativos como *WhatsApp* e *Telegram* proporcionam modelos de interação humana mediados por uma rede de tecnologias de informação e comunicação que permitem que alguém se conecte e converse com um amigo que está a milhares de quilômetros de distância, por exemplo.

Se estamos falando em redes sociais e interações humanas, se implica dizer que temos aqui um (ou vários) processo(s) comunicacional(is) em ação, formando uma gigantesca teia de conexões complexas entre a sociedade, a tecnologia e a cultura, aliando ambientes físico e digital. Assim, estudar os fenômenos comunicacionais em sua complexidade é um desafio que se faz necessário para auxiliar na compreensão da dinâmica comunicativa e cultural das sociedades globais contemporâneas.

Na área da Comunicação, esses estudos têm sido feitos em diferentes contextos, enveredando por caminhos inter e transdisciplinares. A fim de colaborar na composição desse mosaico de referências, neste artigo trazemos à cena a ideia de ecossistemas comunicacionais como uma das perspectivas possíveis para a investigação desse fenômeno, traçando alguns breves apontamentos e reflexões sobre as redes sociais digitais na perspectiva ecossistêmica da comunicação.

### **Redes sociais: um conceito além do *Facebook***

Embora o termo “redes sociais” esteja hoje vinculado fortemente à ideia de plataformas digitais como o *Facebook* e o *Twitter*, o conceito precede o ambiente virtual, uma vez que remonta aos estudos da sociedade em rede, uma perspectiva que passou a permear a ciência no século XX. Como destaca Recuero (2009), a abordagem dos fenômenos a partir das interações entre as partes que formam o todo, e não isolando e

detalhando essas partes, foi despontando em obras como as de Bertalanffy (1975), com a Teoria Geral dos Sistemas; os estudos de física quântica de Einstein e Heisenberg; e a matemática não-linear, que teve seu *boom* na década de 1960.

A metáfora de “rede”, aliás, foi utilizada pela primeira vez pelo matemático Leonard Euler, em 1736. Em virtude desse conceito estar vinculado principalmente às interações como foco de estudo, Recuero ressalta que a metáfora de “rede” é apropriada para se estudar e compreender os diálogos entre grupos e indivíduos na *Internet*. A partir disso, ela define rede social como

um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais) (Wasserman e Faust, 1994; Degenne e Forse, 1999). Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões. (RECUERO, 2009, p. 24)

Castells (2004) afirma que as redes sociais são “redes de comunicação que envolvem a linguagem simbólica, os limites culturais, as relações de poder e assim por diante” (CASTELLS, 2004, p. 94). Logo, inferimos que as redes sociais são conjuntos sistemáticos e integrados de pessoas em que interações e trocas se dão por meio de diferentes tecnologias de comunicação e linguagens. No ambiente virtual, essas redes são potencializadas, à medida que assumem posições cada vez mais presentes e de primazia no cotidiano dos indivíduos.

Assim, a configuração das redes sociais na *web* é diferente das redes sociais do mundo físico, desde as plataformas de acesso utilizadas às relações entre usuários, que não correspondem necessariamente aos vínculos que se faz no cotidiano – seus amigos no *Facebook* nem sempre são do seu círculo de amigos no dia-a-dia. Uma característica importante, por exemplo, é como as organizações (sejam empresas, instituições ou figuras públicas) se inserem nesse contexto: se nas mídias de massa tradicionais, como TV e rádio, a mensagem é simplesmente transmitida ao usuário, na *web* este mesmo usuário pode gerar a sua mensagem de volta. A comunicação assume, de fato, seu aspecto de rede ou teia, em que se pode estar conectado a diversas comunidades em relações complexas, em que a informação flui e não se está preso a um paradigma emissor-mensagem-receptor – algo ressaltado por Jenkins; Ford; Green (2014) ao tratar da cultura participativa e das possibilidades abertas pela *Web 2.0*.

Dado esse contexto, não é à toa que Recuero (2009) chama a atenção para a necessidade de se estudar as conexões traçadas nas redes sociais digitais:

Em termos gerais, as conexões em uma rede social são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores. De um certo modo, são as conexões o principal foco do estudo das redes sociais, pois é sua variação que altera as estruturas desses grupos (RECUERO, 2009, p. 30)

Desse modo, é justamente a fim de abarcar a complexidade desse fenômeno comunicacional na *web* que a perspectiva dos ecossistemas comunicacionais proposta pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Ufam se mostra como uma das possibilidades de estudo em potencial.

### **Ecossistemas comunicacionais: da natureza à cultura**

Há um aspecto multifacetado no termo “rede”: se na área da Comunicação e em outras ciências a palavra surge como uma metáfora para se estudar o todo a partir das relações entre as partes, na área do conhecimento da biologia ela surge com um significado ligeiramente diferente, embora correlato. Para Capra (2002), o padrão de rede é um dos padrões de organização mais básicos de todos os sistemas vivos. Desde a menor unidade de célula, os processos dos sistemas vivos funcionam a partir das conexões que formam em redes. É a partir do estudo dessas conexões “ocultas” que o autor afirma que “para compreender o significado de alguma coisa, temos de relacioná-la com outras coisas no ambiente, no seu passado ou no seu futuro. Nada tem sentido em si mesmo” (CAPRA, 2002, p. 97). Já Maturana e Varela (2001) ressaltam essa mesma ideia ao destacar que os seres vivos estão sempre em processo de conhecimento e interação, de maneira autônoma e dependente.

Nessa breve inferência, já podemos notar como o conceito de rede ultrapassa as fronteiras disciplinares e se relaciona com realidades estudadas por diversas áreas do conhecimento. De processo similar, surge a ideia de “ecossistemas comunicacionais”, que empresta um termo oriundo da ecologia para os estudos da comunicação, trazendo assim uma compreensão trans e multidisciplinar para o campo. Nesse caso, o termo “ecossistema” deriva de “ecologia”, que, conforme lembrado por Rodrigues (2015),

foi o biólogo alemão Ernst Haeckel, em 1866, quem forneceu sua definição ao destacar que “por Ecologia entendemos o corpo científico que se preocupa com a

economia da natureza – a investigação das relações totais dos animais, tanto com seu ambiente inorgânico, quanto com o orgânico”. Ainda segundo Kormondy e Brown (2012, p. 27-28), a definição de Ecologia operante e atual é a de Odum (1962), que diz que Ecologia é “o estudo da estrutura e funções dos ecossistemas”. (RODRIGUES, 2015, p. 15)

Logo, percebemos que a visão ecossistêmica está ligada à ideia de redes, ao conceber as conexões e relações entre os elementos como o foco do seu estudo. Nesse sentido, falar em ecossistema comunicacional implica em considerar o processo comunicacional como um fenômeno complexo e estudá-lo a partir das relações entre seus elementos, o que é justamente um dos objetivos em mente quando se pretende estudar as redes sociais digitais. Como destaca Pereira (2011), uma visão ecossistêmica da comunicação passa pelo

estudo das relações de interdependência entre os sistemas participantes da comunicação e seu ambiente. [...] A comunicação, numa perspectiva ecossistêmica, deve ser entendida não a partir do isolamento e atomização de seus elementos, mas das relações que interferem e possibilitam a construção, a circulação e a significação das mensagens na vida social. (PEREIRA, 2011, p. 13).

Ou seja: pensar a comunicação a partir dos ecossistemas comunicacionais implica adotar uma compreensão científica baseada na complexidade, a fim de identificar e compreender a diversidade de relações que interagem de maneira interligada e interdependente nos diversos ambientes da vida social a partir da produção, circulação e significação das mensagens. Trata-se de um olhar sobre os fenômenos comunicacionais que apresenta uma perspectiva relacional importante, mas que também suscita a necessidade de novas possibilidades metodológicas, como bem ressaltam Colferai; Monteiro (2011). O ecossistema, seja ele no ambiente físico ou digital, envolve e é envolvido pela complexidade dos processos culturais e tecnológicos que permeiam a comunicação na contemporaneidade. Compreendê-los é a tarefa em jogo para a pesquisa científica nesse campo.

Assim, a polarização entre ambiente físico e digital se torna mais complexa a partir da visão ecossistêmica – afinal, o digital não precisa de um componente físico para existir? Os ambientes digital e físico estão ligados não só pelas relações comunicativas que se constroem entre os indivíduos, mas também pelas interfaces e mediações que se dão entre ambos. Assim como existem fronteiras físicas entre territórios, comunidades virtuais se formam e se fecham entre seus membros; enquanto isso, cabos físicos

transportam o fluxo de informações virtuais que trafega pela *web*. Nesse sentido, Santaella (2004), por exemplo, também lembra que mesmo o corpo do indivíduo que se julga estar imóvel quando navega na *web* através de um computador, está, na verdade, em movimento e em interação direta com o ambiente digital através de um simples clique no *mouse*.

Nesse contexto, as redes sociais digitais são um campo fértil para estudos que tomem como perspectiva os ecossistemas comunicacionais. Afinal, trata-se de relações, teias e nós que tomam proporções maiores a cada mudança que se dá nas plataformas da *web*. É um novo meio de comunicação que se infiltra no cotidiano das pessoas e, tal como McLuhan já prenunciava desde os tempos da TV e do rádio, tornam-se de fato extensões do homem à medida que expandem suas possibilidades comunicativas.

Dentro do próprio Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas (PPGCCOM/Ufam), cuja área de concentração são os Ecossistemas Comunicacionais, já há estudos que fazem essa ligação entre o ambiente virtual da *web* e a perspectiva dos ecossistemas comunicacionais, como, só para citar alguns títulos, a dissertação de Susy Freitas (2013), que relaciona a crítica cinematográfica na *web* com os conceitos de espaço acústico de McLuhan e os ecossistemas, e o trabalho de Josevana Rodrigues (2015), que se debruça sobre a conversação de grupos vinculados à Universidade do Estado do Amazonas (UEA) em redes sociais digitais.

### **Considerações finais**

Mais que uma mera transmissão de mensagens, o processo comunicacional é um fenômeno complexo, e essa complexidade é bem ilustrada pelo desenvolvimento rápido das redes sociais digitais que conectam os indivíduos em intrincadas e inúmeras teias que aliam os ambientes sociais, naturais e virtuais. Nesse sentido, faz-se necessária uma visão científica que contemple essa complexidade, e a perspectiva dos ecossistemas comunicacionais se mostra propícia ao contexto, fugindo da noção cartesiana e mecanicista da comunicação, apresentando novas possibilidades para se pensar os objetos de estudos dessa área do conhecimento.

Embora a ideia de ecossistema pareça intrinsecamente ligada à Amazônia – e, de fato, é na região onde os estudos que exploram essa perspectiva acabam despontando,

como observamos –, o objeto de estudo da comunicação continua sendo amplo, e as redes, processos, linguagens e representações podem ser contemplados nessas investigações científicas de igual modo. Nesse contexto, o caráter dinâmico do ambiente digital da *web* é um campo fértil para a análise ecossistêmica da comunicação, e aqui procuramos delinear essa perspectiva como abordagem possível. Esta, contudo, é apenas uma norteadora: outras estratégias metodológicas podem e devem ser bem-vindas para enriquecer a pesquisa, tão rápido quanto a *Internet* se modifica e se dinamiza.

## REFERÊNCIAS

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas**. São Paulo: Cultrix, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede: do conhecimento à política. In: CARDOSO, Gustavo; CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**: do conhecimento à ação política. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

COLFERAI, Sandro Adalberto; MONTEIRO, Gilson Vieira. Por uma pesquisa amazônica em comunicação: provocações para novos olhares. In: MALCHER, Maria Ataíde; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos (org.). **Comunicação midiaticizada na e da Amazônia**. Belém: FADESP, 2011.

DAMASCENO, Meire Daiana. Redes sociais digitais: o ecossistema comunicacional do Facebook e suas possibilidades comunicativas. In: **Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro, set. 2015. Disponível em: < <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1660-1.pdf> > Acesso em: 07 mar. 2017.

FREITAS, Susy Elaine da Costa. **Crítica expandida**: um estudo do espaço acústico da crítica cinematográfica na web. 2013. 204 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus. 2013.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da conexão**. São Paulo: Aleph, 2014.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

PEREIRA, Mirna Feitoza. Ecossistemas comunicacionais: uma proposição conceitual. In: MALCHER, Maria Ataíde; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos (org.). **Comunicação midiaticizada na e da Amazônia**. Belém: FADESP, 2011.

PEREIRA, Mirna Feitoza. Fundamentos de uma visão ecossistêmica da comunicação: uma compreensão semiótica. In: ABBUD, Maria Emília de Oliveira; MONTEIRO, Gilson Vieira; PEREIRA, Mirna Feitoza (org.). **Estudos e perspectivas dos ecossistemas na comunicação**. Manaus: Ufam, 2012.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RODRIGUES, Josevana de Lucena. **A conversação de grupos em redes sociais na internet, vinculados à Universidade do Estado do Amazonas (UEA)**. 2015. 166 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus. 2015.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.